

A LITERATURA ESPÍRITA: Ângelo Inácio e os contos de H. P. Lovecraft

Paulo de Tarso Cabrini Jr. (OAPEC/Direito)

361

Resumo: A literatura espírita nunca mereceu grande atenção, da parte dos estudiosos de Literatura. Nosso propósito é introduzi-la, em bases teóricas, e apresentar a ficção de Ângelo Inácio, “espírito” que teria “ditado”, ao “médium” Robson Pinheiro (1961 -) vários livros, dentro os quais Legião, de 2006. Nosso objetivo final é demonstrar que o livro de Ângelo Inácio, ou Robson Pinheiro, ilumina pontos obscuros do já, em si, obscuro autor norte-americano Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), considerado, hoje, um dos mestres maiores da literatura de “horror”.

Palavras-chave: Ficção científica. Espiritismo. H. P. Lovecraft (1890-1937). Literatura comparada. Conto.

Abstract: Spiritist literature never had too much attention in the Literary studies. Our purpose is to introduce it in theoretical basis, and then presenting the fiction of Ângelo Inácio, a “spirit” that is supposed to have “dictated” many books to the “medium” Robson Pinheiro (1961 -), one of these books called Legião (Legion, 2006). Our final objective is to demonstrate that this book “explains”, in a sense, some obscure points in the work of Howard Phillips Lovecraft, known as H. P. Lovecraft (1890-1937), one of the most admired “horror” and “science fiction” authors in Modern literature.

Key-words: Spiritism. Science fiction. H. P. Lovecraft (1890-1937). Comparative literature. Short tale.

A comunicação entre “vivos” e “mortos” é uma das práticas mais antigas da história humana. Evitaremos refazer, aqui, um percurso histórico que culminou, para o nosso presente caso, na publicação de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec (1809-1869), em 1857. Ficaremos, apenas, com o recorte histórico mais próximo dessa publicação chave para o nosso propósito.

Por volta de 1848, as irmãs Fox, de origem canadense, passaram a viver na cidade de Hydesville, Estado de Nova Iorque, e vivenciaram experiências largamente divulgadas, na mídia da época, com a comunicação com os “mortos”. Ao mesmo tempo, divulgou-se, na Europa, o costume das reuniões em que essas comunicações eram

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>.
E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

praticadas, o que ficou conhecido como “o fenômeno das mesas girantes”, referência aos móveis que se deslocavam inteligentemente e que, por meio de pancadas, denunciavam respostas a perguntas feitas pelos participantes do salão.

Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais tarde conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, era um professor, pedagogo discípulo de Pestalozzi, que se interessou vivamente pelo fenômeno, frequentando as “mesas girantes” e investigando as suas causas, dentro de um espírito científico inabalável. Assim, obteve comunicações que revelavam o “mundo dos mortos”, publicando, durante seus últimos anos de vida, uma literatura considerável a respeito do assunto, e fundando a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos.

Basicamente, os Espíritos diziam a Allan Kardec que: 1) a vida sobrevive à morte do corpo, em condições muito variadas; 2) os “mortos”, ou, como se prefere, os “Espíritos” podem se comunicar com os “encarnados” de várias maneiras; 3) chegou a hora de “a vida após a morte” ser compreendida em toda a extensão possível, para o progresso da Humanidade.

Kardec não foi o único que, com espírito científico, se debruçou sobre os fenômenos espíritas. Dentre muitos eruditos, como o astrônomo Camille Flammarion (1842-1935), talvez o caso mais impressionante seja o do químico britânico William Crookes (1832-1919), que, entre 1871 e 1874, conduziu experiências notáveis com o espírito autodenominado “Katie King”.

Na Europa, o Espiritismo, denominação cunhada por Kardec, para distinguir sua doutrina, entrou em declínio, já na década de 1930, por razões várias, entre elas, a morte de seus fundadores e principais líderes. Mas, no Brasil, apesar de perseguições, o Espiritismo se implantou, na década de 1880, dando início a uma propagação que não se verifica em nenhum outro lugar do mundo.

Dentre os personagens marcantes, na história do Espiritismo, no Brasil, destacamos Francisco Cândido Xavier (1910-2002), um homem simples, com poucos

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

estudos, mas, autor de 468 livros, todos eles atribuídos a “outras personalidades”, como veremos.

Chico Xavier, como ficou conhecido, era um “médium”, ou seja, dentro do Espiritismo, uma pessoa que tem o dom de comunicar-se com os “mortos”. A palavra “médium”, escolhida por Kardec, tem, portanto, um equivalente na antiga palavra “shaman”, embora, para Kardec, o “médium” seja uma pessoa razoável, dentro de seu tempo e de seu espaço, sendo discreto, não aderindo a práticas “exóticas” ou rituais “estranhos”, como seriam os rituais xamânicos, em plena era industrial. Portanto, o “médium”, para Kardec, é, simplesmente, uma pessoa que, por razões fisiológicas várias, vê, ouve, toca, em diversos níveis de percepção, os “mortos”. Nada mais.

A História registra muitos casos impressionantes de mediunismo, dentre eles, o do Padre Pio (1877-1968), conhecido, hoje, como São Pio de Pietrelcina. No caso de Chico Xavier, sua mediunidade era muito ampla: podia ver, ouvir e tocar os “espíritos” como se lida com seres humanos “normais”, ou “encarnados”.

A atividade de Chico Xavier como escritor começou com a publicação de seu livro “Parnaso de Além-Túmulo”, em 1932. O livro reunia poemas de autores conhecidos do Brasil e de Portugal, e outros, desconhecidos. Em sua 6ª edição, de 1955, definitiva, os poemas somam duzentos e cinquenta e nove.

Chico Xavier, na primeira edição, em prefácio, tenta nos dar uma ideia de como foi o processo de elaboração do livro, descrevendo aquilo que os espíritas chamam de psicografia:

A sensação que sempre senti, ao escrevê-las [as poesias], era a de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingia o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas.” (ZANARDI, 1982, p. 4)

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

Outra descrição do fenômeno da “psicografia” temos neste trecho, de Edgar Armond:

O braço deve ser entregue passivamente à entidade comunicante e esta se esforçará vez por vez em domesticar, disciplinar, músculo por músculo, nervo por nervo, antes que consiga algum resultado apreciável. Muito tempo pode ser levado a traçar rabiscos desordenados e inexpressivos, para obter domínio sobre tal músculo ou nervo, mas no tempo apropriado os traços se unirão, tomarão forma, formarão letras, palavras, frases, períodos, cada vez mais legíveis e perfeitos. (ARMOND, 1997, p. 206)

Chico Xavier não foi, certamente, o primeiro “médium psicógrafo” da história do Espiritismo. E o Espiritismo, como a própria religião reconhece, está longe de ser o primeiro lugar em que o fenômeno teve lugar. Será proveitoso recolher depoimentos, na história da literatura, de casos semelhantes aos retratados acima. No capítulo “Literatura e Psicologia”, de seu clássico “Teoria da Literatura”, dizem os autores René Wellek e Austin Warren:

A “inspiração” – designação tradicional do fator inconsciente na criação – está classicamente associada às musas, filhas da memória, e no pensamento cristão ao Espírito Santo. Por definição, o estado inspirado de um vidente, profeta ou poeta difere do seu estado normal. Nas sociedades primitivas, o vidente consegue atingir voluntariamente um estado de transe, ou pode involuntariamente ser “possuído” por qualquer força espiritual ancestral ou totêmica. Nos tempos modernos, considera-se que a inspiração tem os traços essenciais da subitaneidade (como a conversão) e da impessoalidade: a obra parece ser escrita *através* de uma pessoa.” (WELLEK, [s/d], p. 102).

Imediatamente, lembramo-nos do famoso: “Je est un autre”, de Rimbaud... Dentre as teorias da criação literária, uma das mais influentes foi, com certeza, a teoria de Taine, que, em 1870, publica “De l’intelligence”, enumerando muitos casos “patológicos” de percepção da realidade, inclusive aquilo que, mais tarde, seria conhecido sob o nome de “escrita automática”, “escrita do inconsciente”, muito praticada pelos Dadaístas e Surrealistas, em tempo posterior, e que, em muito, se aparenta ao caso da “psicografia”. Prossigamos com a leitura de Wellek, para quem:

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

A teoria da arte como neurose levanta a questão da imaginação em relação à crença. Será o romancista semelhante (...) ao homem que sofre de alucinações, confundindo o mundo da realidade com o mundo da fantasia das suas esperanças e receios? Alguns romancistas (Dickens, por exemplo) têm dito que veem e ouvem vividamente as suas personagens; têm mesmo contado que as personagens se apossaram da história, encaminhando-a para um fim diferente da primitiva intenção do autor. (...) alguns romancistas podem ter a faculdade da imagística eidética (nem pós-imagens, nem imagens memoriais, contudo de caráter perceptual e sensorial). (...) O artista conserva – e desenvolveu – uma feição arcaica da raça: sente (e chega a *ver*) os seus pensamentos.” (*idem*, p. 98).

Seja neurose, ou psicografia, comunicação com dimensões diferentes da dimensão comum, ou alucinação, como saber? Desde que Sócrates, no século IV a. C., se pronunciou sobre o seu “*daimon*”, a dúvida permanece, uma vez que as percepções não são iguais, nos seres humanos, embora haja um nível de equivalência que podemos chamar de “normalidade”.

Francisco Cândido Xavier, portanto, deixou-nos uma vasta literatura que pode ser dividida em dois grupos: a literatura ficcional e a literatura não-ficcional, ou científica. No caso da literatura ficcional, é muito comum a inserção de trechos doutrinários, ou científicos, e o termo “ficcional” serve-nos, aqui, apenas para marcar uma literatura que possui enredo. Assim, a literatura ficcional, produzida por Chico Xavier, pode ser subdividida em dois tipos: 1) literatura puramente ficcional, que se pretende biográfica, ou autobiográfica, do “espírito” comunicante; e 2) literatura ficcional com intenções didáticas. No primeiro caso, são exemplares os romances autobiográficos atribuídos ao espírito Emmanuel. No segundo caso, os romances atribuídos a André Luiz.

Portanto, na literatura espírita temos, em primeiro lugar, as obras psicografadas, e as não-psicografadas, e, nesses dois grupos, as obras ficcionais e não-ficcionais, que podem se subdividir em ficção pura ou ficção entremeada, ou condutora, de didática. E é o caso de destacarmos os livros que, na religião espírita, são considerados “clássicos”, pela qualidade ou pelo alcance que conquistaram com o tempo: “Nosso Lar”, de André Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

Luiz, publicado em 1944, que deu origem ao filme homônimo, lançado, no Brasil, em 2010, e que é considerado uma “ficção científica”. “Há Dois Mil Anos...”, primeira parte da série autobiográfica de Emmanuel, notável por sua beleza e força de expressão. “Memórias de um Suicida”, supostamente ditado pelo “espírito” de Camilo Castelo Branco, e lançado em 1954 (psicografia de Yvonne do Amaral Pereira). “Mecanismos da Mediunidade” e “Evolução em Dois Mundos”, livros de André Luiz que exploram os limites da ciência de seu tempo (final da década de 1950) para a explicação do fenômeno mediúnico e da evolução da vida na Terra. E, para citarmos apenas mais um caso de estilo notável, temos os romances psicografados por Zilda Gama, a partir de 1916, como “Do Calvário ao Infinito”, ditado, supostamente, pelo “espírito” de Victor Hugo.

A literatura espírita, hoje, é pouco expressiva, de maneira geral. Com a morte de Chico Xavier, ou seu “desencarne”, ficamos com bons médiuns psicógrafos, sim, e alguns bem populares, como Vera Marinzeck de Carvalho, mas, perdemos a “comunicação” com André Luiz e Emmanuel, supostamente reencarnado no Estado de São Paulo, em 2010. Wanderley Oliveira e Divaldo Pereira Franco são, hoje, os principais divulgadores da doutrina espírita, por meio de obras não-ficcionais, supostamente ditadas pelos espíritos de Ermance Dufaux e Joanna de Angelis, respectivamente.

Nesse cenário, destaca-se um “médium” mineiro, Robson Pinheiro (1961 -), autor de uma série de livros ficcionais e não-ficcionais, todos psicografados, que têm se tornado uma “pedra” no caminho dos espíritas, por denunciarem as limitações da doutrina, em face do “novo mundo” que se instaura.

Em 2011, Robson termina a sua trilogia, iniciada com *Legião*, de 2006, intitulada *No Reino das Sombras*. Trata-se de uma suposta viagem ao “mundo inferior” dos espíritos, empreendida por três personagens: o espírito Ângelo Inácio, suposto autor do livro, Pai João Cobú, o guia espiritual, e Raul, um “médium” encarnado, desdobrado para seguir a viagem. Cabe esclarecer que, em termos espíritas, “desdobrado” significa: Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

ausente do corpo, no entanto, consciente, mas, em outros níveis de realidade, num estado semelhante ao sono ou alheamento físico.

A viagem, é claro, nos remete à *Divina Comédia*, de Dante: um guia espiritual, os aprendizes, a viagem aos “círculos do Inferno”, a visão das “penas” a que são submetidos os “espíritos”, após a “morte”, e aquilo que Dante não vira: as organizações do “Mal”, entrincheiradas com o objetivo de sobreviverem das emanações mentais deletérias do planeta Terra.

Essa “viagem ao país dos mortos”, porém, nos levou, inadvertidamente, a outro autor, que não Dante. De fato, a aparência do livro de Robson Pinheiro, sua afiliação literária, é, mesmo, dantesca, assim como nos romances didáticos de André Luiz (vide *Nos Domínios da Mediunidade*, de 1955). Robson Pinheiro nos fez lembrar de H. P. Lovecraft (1890-1937), autor norte-americano, considerado um dos maiores escritores de ficção científica da literatura ocidental.

Lovecraft nasceu em Providence, Rhode Island, e viveu toda a sua vida nessa cidade, com uma breve passagem por Nova Iorque. Sua produção literária era publicada em coletâneas, chamadas, genericamente, de *pulp fiction*. Conhecido por seu ceticismo, Lovecraft foi, apesar disso, um dos popularizadores de ideias espiritualistas, mais ou menos como Edgar Allan Poe, outro conhecido “racionalista” que divulgou doutrinas como a de Mesmer, por exemplo.

As semelhanças entre a ficção de Robson Pinheiro (ou, Ângelo Inácio) e a de H. P. Lovecraft será explorada, a partir de agora, recorrendo ao volume de contos *Um Sussurro nas Trevas*, de 1982 (editora Francisco Alves, tradução de Donaldson Garschagen, 1982).

Em primeiro lugar, temos o conto “A cor que caiu do céu” (no original, *The Colour Out of Space*, publicado em 1927). A história se passa na cidade fictícia de Arkham, na Nova Inglaterra, cenário preferido do escritor. Os personagens principais são os membros da família Gardner, cuja propriedade rural foi atingida, certo dia, por... “algo”, vindo do céu. Um meteorito, talvez, mas que “a ciência não conseguiu

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

identificar”, segundo a fórmula que se tornou paradigmática, na ficção científica de horror. Caindo perto do poço da propriedade, a “coisa” emitia raios de uma cor macabra e absolutamente indizível, indescritível. E os “miasmas” exalados por aquele “meteorito” contaminaram a atmosfera da propriedade, a água do poço, a vegetação, tornando a rica propriedade um pântano seco, de formas grotescas e cores não-terrenas. Ou seja, trata-se de uma “contaminação” da Terra, vinda de “outro planeta”. Um presente dos céus, mas, às avessas. Os membros da família Gardner enlouquecem, e o lugar passa a ser conhecido como “a charneca maldita”. Assim termina o conto, como muitos de Lovecraft, sem qualquer conclusão feliz.

Toda a descrição da “coisa”, que evolava do buraco ao lado do poço, corresponde, em muita medida, a descrições encontradas no livro *Legião*, de Robson Pinheiro. São abundantes, no livro, descrições semelhantes, de tais “miasmas”, como nesta passagem:

Essa região astral localizava-se num vale. Montanhas altíssimas podiam ser avistadas ao longe. Os flancos dos montes, multiplamente alcantilados, apresentavam vegetação rasteira, ressequida, mas que teimava em prosperar naquela paisagem inóspita. Atravessa o vale um córrego de águas tóxicas, naturalmente contaminadas devido às emanções mentais dos desencarnados que povoavam o local. O córrego de odor intenso e desagradável, cujas águas tinham o aspecto de fluidos densos e pastosos, desembocava num rio, que tragava todo o conteúdo mórbido nele despejado. (PINHEIRO, 2006, p. 200).

Um pedaço, justamente, desse lugar parece ter sido o que “caiu”, do céu, sobre a propriedade dos Gardner.

Essa “contaminação espiritual” da Terra teria alguma explicação, na sequência de nossa leitura, com o conto “O chamado de Cthulhu” (*The Call of Cthulhu*, 1928). Nesse conto, temos um professor de antropologia que é misteriosamente assassinado, enquanto investigava estranhos eventos ligados à figura de um monstro, chamado Cthulhu, que estaria prestes a retornar à Terra, vindo das entranhas oceânicas onde submergira, há milhares de anos, com os escombros de sua cidade maldita de R'lyeh.

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/137100320071765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

Cthulhu teria vindo, com outros de sua estirpe, de alguma das “estrelas tenebrosas”, que abundam na ficção de Lovecraft, tais como Yuggoth, Yaddith, etc. assim como na lenda bíblica de Lúcifer, esses “demônios” teriam sido banidos de seu local de origem, e, por força de cultos horripilantes, praticados, desde o início dos tempos, e, aguardando a hora certa das “posições planetárias”, poderiam voltar à superfície e “reinar sobre a Terra”.

O sobrinho do professor segue as pistas, e descobre que o plano de Cthulhu foi frustrado pela interrupção dos “cultos”, embora o marinheiro Johansen, com sua tripulação, tenha narrado o seu terrível encontro com a “criatura”, na estranha cidade de R’lyeh, antes que esta submergisse, novamente, levando o monstro a “sonhar”, de novo, com uma nova oportunidade de libertação.

Várias coisas nos chamam a atenção, até agora. Em primeiro lugar, o fato de Cthulhu ter vindo de um outro planeta. Assim como na lenda de Lúcifer, que citamos, e, assim como na ficção de Ângelo Inácio, que descreve seres em tudo parecidos ao monstro de Lovecraft. Vejamos: se Cthulhu é “uma gelatinosa imensidão verde”, “um monstro vagamente antropomórfico, mas com uma cabeça que lembrava um polvo e cujo rosto era uma massa de antenas”, “o corpo escamoso, e como que feito de borracha, com garras nas patas traseiras e dianteiras, além de asas longas e estreitas”; uma coisa de “terrível e desnatural malignidade”; de “certa corpulência inchada” e, ainda, com “feições de um polvo, de um *dragão* e de uma caricatura humana” (o itálico é nosso); “uma cabeça globosa e tentaculada”, que encimava “um corpo grotesco e escamoso, dotado de asas rudimentares”, e cujo delineamento geral era, simplesmente, chocante, os monstros, descritos por Ângelo Inácio, em momento culminante de sua obra, são assim descritos:

Ao irromper novamente a névoa, permeada de um cheiro ácido, embalada pelo vento revoltado, notamos que os mirrados habitantes das trevas foram tomados de grande pavor. Da escuridão sobrevieram as brumas, salpicando cargas tóxicas, sem qualquer aviso, saídas do mar de lavas etéreas. À visão deficiente daqueles exilados, exibiam tons pardacentos, ocre, traduzindo

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

uma sensação de serem crespas e gélidas ao contato com seus corpos semi-espirituais. Como um monstro que emerge de pesadelos terríveis, advindos da camada mais profunda do psiquismo, devassando as entranhas de seres repletos de culpas represadas; *como um molusco gigante a estender seus tentáculos*, rebrilhando na noite de uma escuridão quase palpável, ressurgem as brumas. Infestadas de fluidos nocivos e elementos daninhos da atmosfera astral, crescem e dominam a dimensão intra-humana das estâncias subcrustais, para então depois se recolherem.

Reverberando para os lados, abriu-se penosamente o caminho, ao custo de escavações nos fluidos pesados da paisagem infecta, por onde passou o espírito imponente, que se mostrava como um dos senhores absolutos do estranho império intraterreno, astral. Ninguém ali, com exceção talvez de nossa equipe, sabia de onde aquele ser viera, mas sabiam – todos os habitantes da região – que estavam diante da presença mais temida de todos os tempos: um dragão. (PINHEIRO, 2006, p. 441, *itálico nosso*).

Além da semelhança física, entre os monstros (Cthulhu e os “dragões”), temos a semelhança de local onde ambos habitam: os “dragões” moram “em regiões profundas abaixo da crosta e próximas ao magma do planeta” (*idem, ibidem*); também Cthulhu vive “esperando” em sua cidade submersa, até que “as estrelas estejam prontas”, e “o culto secreto” possa ressuscitar o seu retorno (LOVECRAFT, 1982, p. 56). Do mesmo modo que os dragões, de Ângelo Inácio, são “um grupo de espíritos advindos de outros orbes, reencarnados em tempos longínquos, na Atlântida e Lemúria”, “seres remanescentes do grande êxodo espiritual ocorrido há milênios”, representando as “legiões luciferinas” (PINHEIRO, 2006, p. 441; 435), também Cthulhu é um dos “Grandes e Antigos”, que, muitas eras antes da existência do homem, vieram, ao mundo, “então recém-criado, vindos do céu” (LOVECRAFT, 1982, p. 55), e ligados, de certa forma, aos continentes perdidos de Atlântida e Lemúria (*idem*, p. 45). Além disso, tanto Cthulhu quanto os “dragões” têm um só objetivo: promover o Mal, sobre a Terra; ou, nas palavras do narrador, em Lovecraft, emitir “os pensamentos que inculcam o medo nos sonhos dos sensíveis e conclamam imperiosamente os fiéis a uma peregrinação de libertação e restauração.” (*idem*, p. 66)

Esses seres globosos e tentaculares, “retardando, ao máximo, a sua reencarnação”, no dizer de Pai João Cobú, “existem”, ainda, tanto na ficção de Ângelo Inácio, quanto na história de Lovecraft, que é, aliás, uma das histórias que manifestam o Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

conhecimento que o autor norte-americano tinha da Sociedade Teosófica, uma espécie de seita concorrente do Espiritismo, no começo do século XX. Mais uma vez, seu conto não tem um “final feliz”, ou uma “conclusão confortável”.

Em “Um sussurro nas trevas” (The Whisperer in the Darkness, 1931), conto que dá título à edição brasileira, um professor da fictícia (e recorrente, na obra de Lovecraft) Universidade de Miskatonic, é envolvido nos estranhos acontecimentos que têm lugar em uma região isolada do Vermont, atacada por estranhos seres de forma crustácea, inteligentes e extraterrestres. Os seres atacam especificamente a propriedade do Sr. Akeley, que, ao final, sucumbe.

Vindos, também, das aludidas “estrelas tenebrosas”, e com ligações com o monstro Cthulhu, que, aliás, aparece em muitas das histórias do escritor norte-americano, dando, mesmo, origem ao chamado “ciclo de Cthulhu” (“The Cthulhu Mythos”, em Inglês), os seres crustáceos têm reflexo na obra de Ângelo Inácio, que assim descreve certos espécimes espirituais, de baixíssima vibração:

[Este] cenário é em tudo muito semelhante àquele encontrado na Crosta; porém, temos de considerar o estado de fluidez e plasticidade da matéria astral, a qual reflete com extrema precisão o teor vibratório dos pensamentos emitidos em ambas as dimensões. Isso quer dizer, meu filho, que os pesadelos e temores abrigados nas mentes de nossos irmãos dos dois lados da vida se refletem com o máximo de fidelidade aqui. Veja, por exemplo, o caso das criações mentais inferiores. Normalmente, assumem a forma externa de elementos encontrados no mundo físico, tais como larvas, baratas, escorpiões, aranhas ou outros seres mais elementares da escala evolutiva. Constata-se assim que há mais do que simples cópia da realidade astral manifesta no campo físico; há, em certa medida, uma interação das dimensões, que se interpenetram profundamente. No exemplo citado, a esfera física reproduz-se no âmbito extrafísico, o que soa paradoxal.” (PINHEIRO, 2006, p. 57)

Segundo o personagem Pai João Cobú, portanto, o pensamento, seja ele emitido por “encarnados”, ou “desencarnados”, assume formas, na matéria astral, correspondentes ao seu teor vibratório. Da mesma forma que certos pensamentos podem assumir colorações intensas e formas esbeltas, outros podem se constituir em

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

verdadeiros animálculos, parasitas, etc., com funções parecidas à que teriam, no “plano terrestre”, espalhando “miasmas” doentios. Desse modo, no conto de Lovecraft, os seres de forma crustácea, vindos de Yuggoth, ou outro planeta tenebroso, seriam seres dessa espécie: inteligências de baixa vibração, com intenções maléficas.

Apenas para que nossa comparação entre os livros não pareça demasiado “criativa” e sem base, imprimimos, agora, um dos trechos iniciais de “O chamado de Cthulhu”, que expressam bem o conhecimento que Lovecraft tinha das ideias da Sociedade Teosófica, que (segundo ele), “diante da magnitude assustadora do ciclo cósmico, do qual nosso mundo e a raça humana constituem incidentes efêmeros, têm feito alusões a estranhas sobrevivências, em termos que fariam congelar o sangue se não fossem mascarados por ameno otimismo” (LOVECRAFT, 1982, p. 43). Portanto, torna-se patente uma das razões para a criação de seus contos: o terror diante de ideias tão assustadora, como a existência de “dragões”, e outros seres semelhantes, no ambiente astral da Terra.

Terminando a nossa comparação, vamos nos debruçar sobre o conto “Sombras perdidas no tempo” (The Shadow Out of Time, 1936). Nesse conto, um professor de Economia, da Universidade de Miskatonic, sofre, em plena aula, um desmemoramento que duraria muitos anos, durante os quais faria coisas inusitadas, como ir ao Himalaia, consultar livros interditos. Ao “retornar a seu corpo”, não se lembra das muitíssimas atividades que realizou.

O professor, porém, começa a ter estranhos pesadelos, nos quais aparecem reminiscências de um lugar absolutamente inconvenional, habitado por seres altos, vegetais e animais, ao mesmo tempo, com uma vasta biblioteca, que manejavam por meio de pinças.

Os sonhos, e a investigação arqueológica empreendida na Austrália, à qual foi chamado, por conta desses sonhos, o leva a descobrir a verdade: durante aquele período de amnésia, seu “espírito” havia “trocado de corpo” com um membro da Antiga Raça, numa espécie de intercâmbio forçado, para a realização de estudos.

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.

No livro de Ângelo Inácio, a mesma paisagem pré-histórica do “lugar” habitado por essa Grande Raça, aparece, explicada desta forma:

Os seres que vocês vêem sobrevoando estas paragens são reais, possuem existência própria e consistem em elementos pretéritos do planeta Terra. Aliás, convém não esquecer que nosso planeta é relativamente jovem na escala dos mundos e, em decorrência disso, sua estrutura geofísica e psíquica ainda é bastante primitiva. Portanto, muitos habitantes da esfera extrafísica ainda são sobreviventes dos períodos chamados pré-históricos.” (PINHEIRO, 2006, p. 83)

Assim, termina o nosso pequeno artigo. Acreditamos ter demonstrado que a obra de Ângelo Inácio tem, ao menos, esta virtude: a de “explicar”, ou, melhor, iluminar certos pontos dos contos de H. P. Lovecraft, pouco explorados pela crítica, devido a um preconceito contra a chamada “literatura espírita”. Acreditamos que, se o autor se refere à Teosofia, por exemplo, o investigador tem de se dedicar a saber, ao menos, os rudimentos dessa “ciência”, se quer compreendê-lo bem. É o mínimo que se exige do cientista, no que se desconta o seu “acreditar” ou “não acreditar” naquelas palavras. Do ponto de vista estético, literário, a obra de Ângelo Inácio não tem pretensões artísticas, como a maioria dos livros “espíritas”. Seu modelo, dentro dessa tradição religiosa, são os “romances” didáticos de André Luiz, pelas mãos de Chico Xavier, mas, Ângelo Inácio, apesar da boa vontade, não tem, infelizmente, a elegância e a altura de expressão daquele outro autor espiritual. Não tem essas pretensões, também. Seu objetivo é, apenas, esclarecer, e o faz eficientemente, criando uma narrativa que, descontados os supostos objetivos proselitistas, é uma narrativa de “horror”. Com “final feliz”, ao menos, mais otimista do que os contos de Lovecraft.

Essa “explicação” da obra do escritor norte-americano terá sido “intencional”, em Ângelo Inácio? Não nos parece. Mas, definitivamente, é efetiva.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS:

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>. E-mail: ptcabrini@ig.com.br.



ARMOND, Edgar. Mediunidade, 32ª ed. São Paulo : Aliança, 1997.

LOVECRAFT, H. P. Um sussurro nas trevas. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1982.

PINHEIRO, Robson. Legião. Contagem (MG) : Casa dos Espíritos, 2006.

WELLEK, René; WARREN, Austin. Teoria da literatura, 4ª ed. Sintra (Portugal) : Europa-América, [s/d].

ZANARDI, Leopoldo. Parnaso de Além-Túmulo, Meio Século de Luz, 9.7.1932-9.7.1982. Bauru (SP) : União Municipal Espírita, 1982.

Paulo de Tarso Cabrini Júnior, professor de Português Jurídico, na Faculdade de Direito Oapec, Santa Cruz do Rio Pardo/SP, Brasil. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1371003200771765>.
E-mail: ptcabrini@ig.com.br.